

Sentiu ela se aconchegar na curva do braço, apoiando a cabeça no seu ombro esquerdo, de forma que o nariz tocasse de leve seu pescoço. Foi uma coisa tão natural que aquilo pareceu lógico. Ela respirava com tanta tranquilidade e seu corpo relaxava sobre o dele como se sempre devesse ter estado ali. Não havia tensão, nem medo. Poderiam estar num vale verde, no alto de uma montanha, à sombra de um riacho, junto à uma lareira. Estavam, entretanto, prosaicamente sentados num sofá, num apartamento alugado, desarrumado como são os apartamentos dos solteiros. Ou como se imagina que sejam os apartamentos dos solteiros. Clichês. Enfim, nada de cinematográfico na cena além da presença de uma trilha sonora, qualquer trilha sonora que fosse. Nenhum dos dois prestava atenção realmente à música ou ao lugar. Sequer saberiam dizer que tempo era ou como estava o dia. Havia apenas um sofá e o conforto dos corpos próximos, o dela no colo dele, encaixados. Perfeitos.

Os lábios se encontraram sem pressa, as salivas se misturaram, sem dor, sem lágrimas. Doce. Quente. Suave. Lento. Sem timidez, sem sofreguidão. Apenas relaxar. Dar. Sentir. Olhar. Olhares. Mais beijos. Ela afastou os lábios para dizer, sussurrando as palavras como se faz com as coisas realmente importantes:

- Seria tão fácil amar você.

Ele sabia que era verdade. Sentia o mesmo, teria dito o mesmo, mas ela o fez primeiro, por eles. Tinha essa capacidade única de dizer o que ele sentia, de fazer deles o que antes parecia ser de um só. Sempre fora assim e isso não o surpreendia simplesmente porque não era inesperado. Nela era natural, nela era óbvio. Não inevitável. Não premeditado. Nem difícil. Apenas era. E o que ela dissera, além de ser só isso, era obviamente verdade. Sim, seria fácil amar você. Ele não disse em voz alta, mas ela ouviu o eco das palavras como se ele as tivesse realmente pronunciado.

Olharam-se, quase surpresos, às portas de um momento decisivo. Não disseram que se amavam. A palavra amor nunca surgira entre eles. Não havia espaço para amor ali, embora o que houvesse parecesse familiar. Mas era um acordo tácito: não podia ser amor. Não devia ser amor. Embora soubessem... amar seria fácil. Sorriam, na falta de palavras, os olhos brilhantes, secos, sem lágrimas. Não havia dor ou tragédia. Apenas uma constatação. Sim, seria fácil amarem-se. Bastava... bastava o quê? Uma palavra? Uma atitude? Afrontar o mundo? Discretamente desaparecerem? Derrubarem as estruturas? Viver clandestinamente? Fingir? Mentir? Trair? Trair quem? Trair-se? As perguntas, como se tivessem asas, voavam dos seus olhos, debatendo-se loucamente contra o teto enquanto as bocas se tocavam de novo e as mãos exploravam corpos não tensos, mas limitados pelo tempo. Não havia tempo hoje. Haveria tempo outro dia? Não saberiam dizer se haveria outro dia. Então tempo era uma impossibilidade.

Mantiveram as bocas fechadas, as mãos entrelaçadas e os corações tranquilos. Nada mais havia a ser dito. Ou decidido. Dizem que alguns manuscritos, talvez os que virão a ser os melhores, precisam de um tempo de gaveta. Talvez os melhores romances, as grandes histórias, tenham a necessidade de um estágio no fundo da gaveta. Talvez as grandes histórias da vida também fiquem melhores com um tempo de amadurecimento no escuro, na fresca calma da alma serena, em algum recanto dentro de cada um de nós. Nunca saberemos. Sorriam. Beijaram-se, despediram-se. Sem promessas. Sem compromissos. Apenas abraços, saudades. Nenhuma certeza. Milhares de dúvidas. Pouco tempo. Todo o tempo. Tanto fazia. Um turbilhão envolvia a mente dele quando ela partiu e dentre tantas sensações havia uma vagamente familiar: sentia gosto de felicidade. Sorriu. E fechou a porta. Ou a gaveta? Nunca saberia. Sozinho não. Se fosse para saber, eles um dia saberiam. Juntos.